

## ASPECTOS DA UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS NO BRASIL

João Pedro de Freitas Perfeito<sup>1</sup>  
Karen Aíssa Miranda Moreira<sup>1</sup>  
Marco Túlio Fialho Fagundes<sup>1</sup>  
Maria Luiza Moreira Hubner de Souza<sup>1</sup>  
Mateus Silva Fonseca<sup>1</sup>  
Fernanda Cristina Ferrari<sup>2</sup>  
[professorafernandaferrari@gmail.com](mailto:professorafernandaferrari@gmail.com)

**ÁREA DE CONHECIMENTO:** Ciências da saúde

**PALAVRAS-CHAVE:** plantas medicinais; práticas terapêuticas populares; tratamentos naturais.

### INTRODUÇÃO

Acredita-se que entre as razões que explicam a opção pelo uso de espécies vegetais como prática terapêutica estão a insatisfação com a eficácia, o custo elevado e os efeitos indesejáveis dos medicamentos convencionais (BRESOLIN e CECHINEL, 2003). Desde a década de 70 a OMS tem incentivado os países em desenvolvimento a incluírem nos seus sistemas de saúde outras práticas terapêuticas, entre elas, as plantas medicinais. No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) regulamentou a comercialização das drogas vegetais através da Resolução número 10 em março de 2010, que traz em anexo uma lista com informações sobre as plantas medicinais mais utilizadas no país (BRASIL 2010). No âmbito geral verificou-se que a diversidade destas plantas e a sua obtenção sugere uma correlação entre o uso e o conhecimento das mesmas, bem como a disponibilidade das espécies nos quintais. Além disso, a transmissão do conhecimento popular demonstra uma herança cultural. No Brasil, sobre influência das interações culturais, a relação homem-natureza permite a disseminação da sabedoria popular (SANTOS *et al*, 2016). Apesar do uso das plantas medicinais serem uma prática tradicional, elas apresentam problemas relacionados a cadeia produtiva, qualidade, segurança e eficácia de uso. Para orientar e tornar seguro o consumo das espécies vegetais é necessária capacitação dos profissionais (BOCHNER *et al*, 2012). O objetivo deste estudo foi verificar o uso de plantas medicinais no Brasil, bem como a forma em que as principais espécies são utilizadas, considerando aspectos como: crença popular, preparo do remédio caseiro e indicações de uso.

### METODOLOGIA

Este é um estudo de revisão bibliográfica sendo os artigos encontrados nas plataformas de busca Scielo, Periódicos Capes e PubMed. Os descritores utilizados foram: plantas medicinais; práticas terapêuticas populares; tratamentos naturais.

### RESULTADO E DISCUSSÕES

---

<sup>1</sup> Acadêmicos do curso de Farmácia – Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

<sup>2</sup> Graduada em Farmácia - Doutora em Ciências Farmacêuticas. Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

Na última década foi observado um aumento no uso de práticas terapêuticas alternativas, sendo as plantas medicinais um forte representante. Alguns vegetais plantados nos quintais das casas são as principais escolhas, como por exemplo: *Melissa officinalis* (erva-cidreira), *Matricaria chamomilla* (camomila), *Mentha sp.* (hortelã), *Citrus limon* (limão), *Peumus boldus* (Boldo), *Plantago major* (tachagem), *Rosmarinus officinalis* (alecrim), *Pimpinella anisum* (erva-doce), *Punica granatum* (romã), *Ocimum basilicum* (manjeriço) entre outras (SILVA *et al.*, 2006; TORRES *et al.*, 2005; VEIGA JR, PINTO E MACIEL, 2005). Alguns autores apontam que o sexo feminino utiliza plantas medicinais com maior frequência e as espécies mais utilizadas como sendo hortelã, o boldo, a erva-doce e o capim-limão (CORTEZ *et al.*, 2016). Resultados de uma pesquisa realizada com a população atendida no Programa de Saúde da Família, em Governador Valadares, MG, mostraram que 36% dos entrevistados utilizam plantas medicinais com frequência; 55% utilizam raramente e apenas 8% não utilizam. O uso de plantas medicinais ocorre de forma mais acentuada entre a população mais idosa. Este fato retrata menor atenção da população mais jovem em relação ao conhecimento transmitido através das gerações. Entre as pessoas que utilizam as plantas medicinais com frequência, 59% frequentaram o ensino fundamental; 14%, o ensino médio; 22% eram analfabetas e apenas 2% frequentaram a universidade. A divergência dos resultados obtidos se justifica pelo fato de que a população estudada foi aquela que busca o Sistema Público de Saúde (SUS) e, portanto, possui menor nível de escolaridade e renda (BRASILEIRO *et al.*, 2008). Estudos apontam que a principal forma de preparo dos chás é por decocção e infusão, sendo as folhas as partes das plantas mais utilizadas (MACÊDO *et al.*, 2013). As plantas frescas, adequadamente colhidas, têm maiores teores de princípios ativos e evitam os perigos decorrentes da má conservação, como a presença de fungos, por exemplo. Uma das formas de ter essas plantas disponíveis é cultivá-las em casa, seja na horta, no jardim ou em vasos. Principalmente em cidades pequenas, as pessoas relatam que possuem plantas medicinais em seus quintais (BOTELHO *et al.*, 2014). Um fato importante que precisa ser destacado, é que não são todas as pessoas que podem utilizar as plantas medicinais devido a sua composição química. Intoxicações com plantas medicinais são comuns e desencadeiam-se por vários motivos, como a falta de informações a respeito do cultivo, reações adversas, posologia, duração do tratamento e até mesmo possíveis interações com medicamentos (SECOLI, 2010).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de plantas medicinais é uma prática utilizada pelos povos antigos, mas ainda representa grande importância nos dias atuais pelo número de pessoas que recorrem à prática alternativa para tratar suas enfermidades. Com a grande diversidade da flora brasileira, o acesso a diversas espécies de plantas se torna fácil e com baixo custo. No entanto, se faz necessário orientar a população quanto às formas corretas de utilização das espécies, bem como evitar possíveis efeitos tóxicos e interações com medicamentos.

### REFERÊNCIAS

BOCHNER, R *et al.* Problemas associados ao uso de plantas medicinais comercializadas no Mercado de Madureira, município do Rio de Janeiro, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v.14, n.3, p. 537-547, 2012.

BOTELHO, J. M.; FERREIRA. A. P. N. L.; FERREIRA M. L. Práticas de cultivo e uso de plantas domésticas em diferentes cidades brasileiras. **Ciência natural**, v.44, n.10, p. 1810-1815, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância Sanitária. Resolução n 10 de 10/03/2010. Diário Oficial da União, 10/03/2010.

BRASILEIRO, B. G. *et al.* Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no “Programa de Saúde da Família”, Governador Valadares, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v.44, n.4, out./dez., 2008.

BRESOLIN T. M. B.; CECHINEL FILHO, V. Contribuição ao Desenvolvimento de Novos Fármacos e Medicamentos. **Ciências Farmacêuticas**. Itajaí. UNIVALI, 2003.

CORTEZ, D. A. G.; CORTEZ, L. E. R.; PEREIRA. A. R. A. P.; SZERWIESKI, L. L. D.; VELHO, A. P. M. Uso tradicional de plantas medicinais por idosos, **Revista Rene**, v. 17, n. 3, p.427-434, 2016.

MACÊDO, M. S.; RIBEIRO, D. D.; SOUZA, M. M. A. uso de plantas medicinais cultivadas em uma área de caatinga em Assaré – Ceará. **Caderno de Cultura e Ciência**, Ano VIII, v.12, n.1, 2013.

SANTOS, A.B.N. *et al.* Plantas medicinais conhecidas na zona urbana de Cajueiro da Praia, Piauí, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.18, n.2, p.442-450, 2016.

SECOLI, S. R. Polifarmácia: interações e reações adversas no uso de medicamentos por idosos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, São Paulo, SP, Brasil, v.63, n.1, p.136-140, 2010.

SILVA, M.S.; ANTONIOLLI, A.R.; BATISTA, J.S.; MOTA, C.N. Plantas medicinais usadas nos distúrbios do trato gastrointestinal no povoado Colônia Treze, Lagarto, SE, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, p. 815-829, 2006.

TÔRRES, A. R.; OLIVEIRA, R. A. G.; DINIZ, M. F. F. M; ARAÚJO, E. C. **Estudo sobre o uso de plantas medicinais em crianças hospitalizadas da cidade de João Pessoa: riscos e benefícios**. Revista Brasileira de Farmacognosia. Out./ Dez. 2005.

VEIGA JR, V.F.; PINTO, A.C; MACIEL, M.A.M. Plantas Mediciniais: Cura Segura? **Química Nova**, v. 28, n. 3, p. 519-528, fev. 2005.